

# ASPETOS DOS DEMONSTRATIVOS EM PORTUGUÊS EUROPEU: DEIXIS E ANÁFORA

Andreia Fragoso<sup>1</sup>

andreia.sofia.fragoso@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. O presente trabalho foi realizado no âmbito da unidade curricular Projeto da Licenciatura em Ciências da Linguagem, incidindo sobre a análise de cadeias anafóricas em construções com os demonstrativos *este/esse/aquele*. Para a recolha de dados foram utilizados dois *corpora* escritos (*CETEMPúblico* e *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*). Os principais objetivos deste trabalho consistem em verificar a diferença de significado entre *este* e *esse*, analisar os contextos anafóricos em que surge *aquele*, observar em que medida o tempo verbal influencia o uso do demonstrativo e, por fim, fazer uma breve apresentação do artigo definido e perceber de que forma estabelece uma relação com os demonstrativos.

PALAVRAS-CHAVE. Sistema demonstrativo, Cadeias anafóricas, Artigo definido.

ABSTRACT. This research paper focus on the analysis of anaphoric chains in constructions with the demonstratives *este/esse/aquele*, and it was developed within the unit course of *Projeto*, which is included in the Language Sciences undergraduate degree. For the data collection, two written *corpora* (*CETEMPúblico* and *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*) were used. The main objectives of this work are to verify the difference of meaning between *este* and *esse*, to analyze the anaphoric contexts in which it appears *aquele*, to observe to what extent verbal tenses influences the demonstrative use and, finally, to make a brief presentation of the definite article and to understand in what form it establishes a relation with the demonstratives.

KEY-WORDS. Demonstrative system, Anaphoric Chains, Definite article.

## 1 – Introdução

No presente trabalho, analisar-se-á o uso dos demonstrativos, quer em contextos dêiticos, quer em contextos anafóricos, a partir de exemplos retirados de dois *corpora* escritos, nomeadamente, o *CETEMPúblico* e o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*.

---

<sup>1</sup> Estudante do terceiro ano, do curso de Ciências da Linguagem, variante linguística, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O método escolhido para a recolha de material consistiu na seleção de vários exemplos, contendo *este/esse/aquele* e as suas formas femininas e plurais. Em alguns casos, procedeu-se à manipulação de alguns exemplos, de modo a comprovar algumas propostas.

O trabalho está estruturado em seis secções. Na primeira secção, é feita uma breve contextualização do sistema demonstrativo, na qual são apresentados os conceitos teóricos que constituem a base deste estudo. A segunda secção incide numa explicação mais detalhada e aprofundada dos demonstrativos *este/esse/aquele*, baseada em Lopes (1972). A terceira secção descreve a metodologia adotada para a elaboração do presente trabalho. Na quarta secção, são analisadas as problemáticas colocadas inicialmente, sendo apresentados exemplos representativos. Na quinta secção, procura-se articular os demonstrativos com o artigo definido, com o objetivo de estudar os pontos convergentes e divergentes entre os mesmos.

Na secção final, é apresentada uma síntese dos aspetos fundamentais encontrados nesta análise. Observou-se que, em cadeias anafóricas, *este* e *esse*, embora possam ocorrer em contextos semelhantes, revelam significados diversos daqueles que se encontram quando são interpretados deiticamente. Para além disso, constatou-se que a articulação dos demonstrativos com os tempos verbais coloca alguns problemas, já que, por um lado, tem de ser analisada em função do tempo real, e por outro lado, tem de ser analisada em função do contexto de enunciação.

## 2 – Enquadramento teórico

### 2.1. *A deixis e os demonstrativos*

A deixis relaciona-se, etimologicamente, com o ato de apontar, através de palavras ou expressões linguísticas que assinalam as marcas de enunciação. O locutor constitui o elemento fulcral da enunciação, pois é a partir dele que se estabelecem as coordenadas do contexto, e o interlocutor corresponde à pessoa a quem se dirige o sujeito. Para além destes, a deixis refere-se ainda ao tempo e ao espaço do momento da enunciação, como refere Diessel (2012): “The term deixis refers to a class of linguistic expressions that are used to indicate elements of the situational and/or discourse context, including the speech participants and the time and location of the current speech event”. (Diessel 2012: 1).

Existem outros elementos linguísticos que podem ser usados deiticamente. Por exemplo, o objeto *x* pode referir uma entidade concreta num contexto situacional, acompanhado por um demonstrativo que seja capaz de relacionar o conceito do objeto *x* com uma entidade concreta que faça parte da situação. Também é possível fazer referência a uma entidade por meios não

linguísticos, tais como gestos e olhares, como afirma Diessel: “In general, as Levinson (2004) has pointed out, just about any nominal expression can be used deictically if it is accompanied by a communicative device that indicates a direct referential link between language and context.” (2012: 2).

Conforme Kaplan (1978), os falantes podem fazer alusão ao mesmo referente, contudo a demonstração pode ser diversa. Isto é, utilizam a mesma proposição, porém a descrição da entidade é realizada em momentos diferentes. Tal como afirma Kaplan (1978), “For example, a possible world may agree with the actual world up to the time at which some individual made a particular decision; the possible world may then represent an outcome of a decision other than the one actually taken.” (1978: 226). Os exemplos (1) e (2) de Kaplan (1978: 230-231) ilustram esta situação: neste caso, a proposição é igual, mas a descrição da entidade (*John*) é diferente.

(1.) (*Falante 1*)

**He** (the speaker points at John, as John stands on the demonstration platform nude, clean shaven, and bathed in light) **is suspicious.**

(2.) (*Falante 2*)

**He** (the speaker points at John, as John lurks in shadows wearing a trench coat, bearded, with his hat pulled down over his face) **is suspicious.**

O sistema de demonstrativos do PE tem uma estrutura ternária, contudo alguns estudos mais recentes indicam um processo de transição do sistema ternário para o binário na variedade do Português do Brasil.

Para além de possuírem um sistema ternário, os demonstrativos podem desempenhar duas funções: uma função dêitica e uma função anafórica. A primeira faz alusão à localização relativa ao momento de enunciação e a segunda faz referência a um elemento do discurso, ou seja, os demonstrativos são empregues sempre que a sua interpretação está dependente de um antecedente expresso linguisticamente.

Neste sentido, de acordo com Halliday & Hasan (1976), a referência caracteriza-se pela recuperação de elementos linguísticos, que podem estar dentro ou fora do texto. Com a finalidade de estabelecer uma divisão entre estes dois tipos de referência, os autores denominaram endofóricas as referências textuais e exofóricas as referências situacionais. Sendo assim, os demonstrativos podem desempenhar a função exofórica ou dêitica. Vejamos alguns exemplos retirados do *CETEMPúblico* e *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*:

- (3) **Este** fim-de-semana e o próximo, como já vem sendo habitual nesta altura do ano, escasseiam as provas de estrada. (*par=ext595000-des-92b-1*)
- (4) 'Não arrumes já, deixa-me ver se bate certo! / ' e eu vou-me sentar a ver televisão e ele que arrume. / Não é um descanso? / Mas ele é um amor e, de vez em quando, dá-lhe uns ataques de ternura e de generosidade que compensam tudo. Quando comentei que precisava de ir ao cabeleireiro porque estava a ficar com o cabelo numa lástima, ele disse, para meu grande espanto: 'Vai, vai. Mas deixa-me oferecer-te **esse** luxo.' / 'Fiquei de cara à banda. Não é possível. E vai, e estende-me uma nota de mil escudos... (*R1990*)
- (5) É aqui que têm a chave da igreja? / » «É, sim senhor, mas agora não está cá», responde a mulher que veio à porta. / O viajante faz cara de catástrofe e torna à carga: « Se não está aqui, onde está ? Venho de longe, ouvi falar das belezas da Igreja de Escarigo, e agora terei de me ir embora sem ver o que queria ? » / Torna a mulher : «Pois é, mas a chave não está cá. Onde há outra é **naquela** casa , além. (*J157017*)

Os exemplos mencionados anteriormente têm a função dêitica, na medida em que os demonstrativos *este/esse/aquele* fazem alusão à localização relativa ao momento de enunciação. Por outro lado, também podem desempenhar a função endofórica ou anafórica, isto é, quando remetem para um elemento discursivo que antecede o pronome. Como refere Silva (2005), “[a] expressão anafórica é considerada como uma entidade subespecificada cuja especificação completa depende da sua relação com uma expressão antecedente, que ocorre no co-texto anterior.” (Silva 2005: 99). Para que se estabeleça uma relação entre o demonstrativo e o seu antecedente, é necessário transportar as propriedades léxico-semânticas do antecedente para a expressão anafórica. Observem-se os seguintes exemplos, retirados do *CETEMPúblico* e do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*:

- (6) Explica que a assembleia começou à hora prevista nos estatutos, já que **estes** estabelecem que, quando não estiver presente metade dos sócios inscritos, se aguarde uma hora para começar a sessão. (*par=ext1528005-eco-92a-2*)
- (7) Mulinowa sabe que com 20 cêntimos para remédios contra a febre ele poderia ter salvo a vida da sua criança. Mas não tinha **esse** dinheiro. (*noCOD\_1064978*)
- (8) Essa má solução passa, exactamente , pela repristinação da situação prevista no Decreto-Lei n.º 144 / 94, assim pretendendo repor uma linha de crédito de 40 milhões de contos que já não existe. Daí que tenhamos dito que, se esta linha de crédito está esgotada , o PSD , ao repristinar **aquele** decreto-lei , diz claramente aos agricultores que não vão ter dinheiro algum. (*noCOD\_1010525*)

Como podemos observar, os exemplos anteriores têm a função anafórica, já que, para além dos demonstrativos fazerem alusão à localização relativa ao momento de enunciação, a

interpretação do demonstrativo depende da relação com um antecedente expresso na frase ou no discurso.

## 2.2. O que dizem algumas gramáticas

Segundo Cunha e Cintra (1984: 329-330), os sistemas de demonstrativos têm as seguintes características:

### 1. *Este e esta indicam:*

- a) “o que está perto da pessoa que fala”
- (9) Esta casa ficará bonita.
- b) “o tempo presente em relação à pessoa que fala”
- (10) Esta tarde estará bom tempo.

### 2. *Esse e essa denotam:*

- a) “o que está perto da pessoa a quem se fala”
- (11) Empresta-me esse lápis, por favor.
- b) “o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala”
- (12) Esses bons tempos já não voltam mais.

### 3. *Aquele e aquela designam:*

- a) “o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala”
- (13) Naquela casa vive a senhora Fernanda.
- b) “um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota”
- (14) Naquele tempo as pessoas eram mais bondosas.

De acordo com Miguel & Raposo (2013), os demonstrativos são palavras fulcrais do sistema da dêixis espacial, pois permitem que o reconhecimento do referente de um sintagma nominal seja realizado com base na “proximidade ou afastamento do falante e/ou ouvinte” (2013: 863). O sistema demonstrativo português é composto por *este*, que “identifica um referente na proximidade do falante ou de um grupo que inclui o falante”, *esse*, que “identifica um referente na proximidade do ouvinte ou de um grupo que o inclui” e *aquele*, que “identifica um referente afastado quer do falante quer do ouvinte ou de grupos que os incluem” (2013: 863). Por este motivo, os

demonstrativos estabelecem uma relação com as pessoas gramaticais. Por outras palavras, *este* corresponde à primeira pessoa, *esse* à segunda pessoa e *aquele* à terceira pessoa.

Os demonstrativos estão relacionados com o ato de “apontar” linguístico e têm como ponto de referência o falante e o ouvinte. Como referem Miguel e Raposo (2013), “(n)a realidade, o uso dos elementos dêiticos espaciais é frequentemente acompanhado de um gesto físico de apontar com o dedo indicador.” (Miguel & Raposo 2013: 863). A sua utilização na dêixis espacial subentende que os referentes integram o contexto situacional da enunciação. Este aspeto é considerado muito importante no uso dêitico dos demonstrativos, sendo denominado de condição presencial do referente.

### 3 – *Este/esse/aquele*

Segundo Lopes (1972), os demonstrativos *este/ esse / aquele* referem-se a objetos que se encontram situados num espaço de duas dimensões (comprimento e largura). Ao agrupar todos os elementos que constituem este plano, forma-se um espaço topológico. Por sua vez, esta topologia é constituída por discos abertos “discos de que se exclui a linha de periferia, ou fronteira” (1972: 135) e discos fechados “um conjunto considerado sem exclusão das suas fronteiras” (1972: 136). A partir destes conceitos, surge outro muito importante, o de vizinhança. Para explicar claramente este conceito, Lopes (1972) utiliza algumas expressões linguísticas como “perto”, “próximo” e “vizinho”, de modo a poder verificar-se que estas expressões não se referem necessariamente a *distância*:

- (15) Estou quase lá.
- (16) Estou perto de lugar X.

Vejam-se os seguintes exemplos adaptados da *Gramática Simbólica*:

- (17) O João está quase a chegar ao Brasil. (O João partiu de Portugal; a distância traduz-se em milhares de quilómetros)
- (18) A Maria está quase a chegar ao Algarve. (A Maria partiu do Porto; a distância traduz-se numa dezena de quilómetros)
- (19) A Ana está perto da cozinha. (A Ana veio do seu quarto; a distância traduz-se em alguns metros)

Com os exemplos acima mencionados, pode observar-se que, efetivamente, o conceito de *vizinhança* não está estritamente relacionado com *distância*, pois em cada exemplo estão expressas distâncias muito distintas entre si. Assim, Lopes (1972) argumenta: “Ora se tirarmos todas as

consequências decorrentes dessa relatividade do ficar *perto ou quase*, passaremos a conceber as vizinhanças como não estando necessariamente associadas a qualquer distância, e como sucedendo-se em continuidade a partir do ponto, ou conjunto, a que nos referimos.” (Lopes 1972: 136).

Segundo Oliveira (1988), em cadeias anafóricas, a fixação entre os demonstrativos é realizada de forma escalar, isto é, a partir do contexto de enunciação, o referente pode tornar-se mais ou menos saturado. Sendo assim, com *este*, o referente está fixado no contexto de enunciação, visto que já pode ter sido introduzido ou pode estar presente fisicamente; *esse* exige que o referente já tenha sido referido anteriormente no enunciado, estabelecendo uma ligação entre o contexto de enunciação e uma enunciação que tenha sido feita anteriormente; e *aquele* requer a retoma do contexto de enunciação, podendo esta ser feita de duas formas, a saber: ou o interlocutor reconhece de imediato o referente em causa, ou é-lhe atribuída uma instrução que lhe permita realizar uma representação mental do enunciado.

#### 4 – Metodologia

O *corpus* que serve de base para este estudo é constituído por 180 frases, em que 80 correspondem a *este*, 80 correspondem a *esse* e as restantes 20 a *aquele*, retiradas de dois *corpora* escritos (CETEMPúblico e *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*).

Em primeiro lugar, serão apresentadas as razões que justificam a mudança de significado quanto aos demonstrativos *este* e *esse*. Em segundo lugar, apresentam-se exemplos com os demonstrativos *este* e *esse*, que contêm tempos verbais do passado, do presente e do futuro. O principal objetivo consiste em verificar se o tempo verbal influencia o demonstrativo utilizado. O demonstrativo *aquele* é analisado separadamente, devido às suas características semânticas. Neste caso, tornou-se interessante observar quais os tipos de anáfora que ocorrem com *aquele*. Além disso, não foi possível realizar uma análise sobre a influência que os tempos verbais exercem em *aquele* devido ao número insuficiente de exemplos retirados. Por último, são expostos os pontos convergentes e divergentes entre o artigo definido e os demonstrativos.

#### 5 – Cadeias Anafóricas

A anáfora é um processo interpretativo que consiste numa relação de dependência entre dois elementos e na atualização de expressões referenciais que podem ser usadas para denominar

um referente que foi introduzido previamente no universo de objetos construído pelo texto (cf. Silva 2017:6). Deste modo, as relações que são tratadas e analisadas dizem respeito às cadeias anafóricas de referência nominal que se estabelecem, no mínimo, entre duas frases. Como foi anteriormente referido, o sistema demonstrativo em português é tripartido e, portanto, serão analisadas construções frásicas com *este/esse/aquele*.

Segundo Kaplan (1978), o uso do demonstrativo remete para uma situação ou objeto concreto: “[when] a speaker uses an expression demonstratively he usually has in mind- so to speak- an intended *demonstratum*(...)” (Kaplan 1978: 239). Desta forma, pode afirmar-se que as cadeias anafóricas são dotadas de co-referencialidade, visto que existe uma relação entre dois ou mais elementos que se referem à mesma entidade.

Após analisar os exemplos retirados do *CETEMPúblico* e do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, observou-se que há diferentes tipos de anáforas construídas com os demonstrativos *este/esse/aquele*, tais como: retomas totais, indiretas, pronominais e retomas anafóricas de situações. As retomas totais integram “[o] núcleo da forma nominal que constitui o SN anafórico e que repete de forma total o núcleo da expressão com função de antecedente.” (Silva 2017: 6); as retomas indiretas são “(...) geralmente, constituídas por expressões nominais definidas ou pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto.” (Marcuschi 2001: 217); nas retomas pronominais, “(o) termo anafórico é um pronome que retoma o valor referencial do antecedente.” (Silva 2017: 8) e, por fim, nas retomas anafóricas de situações, o termo anafórico recupera uma situação anteriormente mencionada.

Vejamos alguns exemplos retirados, neste caso, do CRPC: o exemplo (20) corresponde à anáfora total; o exemplo (21) à anáfora indireta; o exemplo (22) à anáfora pronominal; e o exemplo (23) à retoma anafórica de situações.

(20) Rodaram os tempos "em que fossem atendidos, mas a esperança de alcançarem justiça tomou efectivamente corpo, chegando a concretizar-se **num estudo** completo que superiormente se mandou fazer pela Direcção-Geral dos Produtos Pecuários, já completo neste momento - e com as apropriadas conclusões que os graves problemas considerados naturalmente impunham. **Esse estudo**, em que residem, como é natural, as esperanças de uma classe numerosa e disciplinada, entrou, há tempo, nos arcanos dos gabinetes ministeriais. (A12568)

(21) Continuava a **pinclar as pedras do edifício**. Perguntei aos meus amigos alemães para que servia **aquela operação**. Foi-me dito, com toda a naturalidade, que era preciso **proteger a biblioteca** contra a poluição automóvel. **Aquele trabalho de protecção** era executado permanentemente, por turnos. (J12735)

(22) Torna-se por isso necessário compatibilizar ambos os valores, em termos de saber se e em que termos é que um deles prevalece, no todo ou em parte, sobre o outro. Ora, parece lícito afirmar que, tendo em conta a



essencialidade da liberdade de informação nas sociedades liberal-democráticas, ela só deve ceder perante o **segredo de justiça**, se **este** não a puser em causa de forma desproporcionada. (1101449)

(23) Introduzimos novos direitos que nos parecem adequados às situações decorrentes das mudanças organizativas e tecnológicas que se verificam nas empresas, como seja **o direito à progressão na carreira e à formação profissional, bem como à participação em concursos**. A possibilidade de, pela via de negociação colectiva, alargar **este quadro de direitos mínimos** dos representantes dos trabalhadores visa criar uma cultura nas empresas portuguesas de diálogo social no respeito mútuo, permitindo que, para representar os interesses colectivos dos trabalhadores, sejam escolhidos os melhores, os mais leais e os mais preparados sob o ponto de vista humano, moral e profissional, para que possamos sair vitoriosos da batalha da qualidade. (A140276)

### 5.1. *Este vs esse*

A primeira questão que é analisada consiste em verificar a mudança de significado que ocorre, em vários contextos, quando se utiliza *este* ou *esse*. Tornou-se importante investigar este caso, visto que a utilização de ambos é adequada, todavia, gera significados diferentes. Como já referido anteriormente, para ilustrar esta situação, são utilizados exemplos extraídos dos dois *corpora* que serviram de base para este trabalho. É de realçar que o exemplo (24') sofreu manipulação, com o objetivo de representar a mudança de significado. Nos exemplos que se seguem, estão representadas retomas anafóricas de situações, já que se revelou um uso muito interessante dos demonstrativos e que, por essa razão, merece ser objeto de estudo. Vejamos os exemplos seguintes, sendo (24) retirado do CPRC e (24') manipulado:

(24) Através do diálogo, numa base de igualdade, tem sido possível que ambas as partes, empregador e trabalhador, cheguem a acordos sobre, entre outras questões, salários, horários de trabalho e regalias sociais. Nalgumas empresas públicas ou companhias, por intermédio dos sindicatos, **os operários negociam directamente com os patrões acerca da definição de salários, pagamento de horas extraordinárias, assistência médica, regime da reforma, férias pagas, segurança de emprego, etc.** *Este* tipo de contrato é mais rico que a legislação de trabalho e apresenta uma segurança maior. (R0529)

(24') Através do diálogo, numa base de igualdade, tem sido possível que ambas as partes, empregado e trabalhador, cheguem a acordos sobre, entre outras questões, salários, horários de trabalho e regalias sociais. Nalgumas empresas públicas ou companhias, por intermédio dos sindicatos, **os operários negociam directamente com os patrões acerca da definição de salários, pagamento de horas extraordinárias, assistência médica, regime da reforma, férias pagas, segurança de emprego, etc.** *Esse* tipo de contrato é mais rico que a legislação de trabalho e apresenta uma segurança maior.

Como se pode observar em ambos os exemplos, os demonstrativos *este* e *esse* integram construções frásicas gramaticais perfeitamente aceitáveis para os falantes nativos do PE. Porém, não é correto afirmar que os dois usos têm o mesmo significado, pois é visível que demarcam *distâncias* diferentes. Sendo assim, no exemplo (24), é utilizado o demonstrativo *este*, que estabelece uma referência mais direta, referindo-se a uma situação que foi mencionada anteriormente. No exemplo (24'), está presente o demonstrativo *esse*, marcando um distanciamento que não está relacionado, nem com o locutor, nem com o interlocutor, e pode, neste caso, referir-se a um tipo de contrato. Deste ponto de vista, este uso parece caminhar no sentido de se aproximar de *aquela* e do artigo definido. Neste sentido, é importante mencionar que o comportamento destes demonstrativos é diferente quando são interpretados deiticamente ou anaforicamente. Ou seja, *esse* deiticamente tem uma interpretação próxima do interlocutor, mas em cadeias anafóricas tal interpretação não é dominante.

Nesta perspectiva e de acordo com Lopes (1972), a *distância* não é o elemento essencial que rege o uso dos demonstrativos, mas sim o contexto de enunciação. A mudança de significado existente não é regida pela *distância* física, mas sim pela retoma de elementos anteriormente referidos.

## 5.2. A influência dos tempos verbais nos demonstrativos

Outra questão desenvolvida neste trabalho diz respeito à influência dos tempos verbais no que concerne à escolha dos demonstrativos. Por outras palavras, foram analisadas construções com tempos referentes ao passado, presente e futuro e observou-se qual o tempo predominante que coocorre com cada demonstrativo. Esta questão foi alvo de estudo para verificar em que medida o *tempo* está relacionado com o sistema dos demonstrativos.

Para ilustrar os resultados obtidos, foram recolhidos 80 exemplos para *este* e, de igual modo, 80 exemplos para *esse*. Nesta pesquisa, *aquela* será analisado separadamente, visto que apenas foi possível recolher 20 exemplos.

Observem-se alguns exemplos retirados do *CETEMPúblico* contendo tempos verbais que correspondem ao passado, ao presente e ao futuro:

- (25) O infeliz achara por bem acusar **a mulher** quando deu por falta do dinheiro e **esta** ameaçou deixá-lo para sempre (par=ext1349614-soc-96a-3)

- (26) Rick Fox e Jerry Sichting, jogadores de **basquetebol** americanos da NBA, estão hoje no pavilhão da Associação Académica da Amadora, para divulgar **este desporto** junto de jovens entre os oito e os 18 anos. (*par=ext994713-soc-93b-2*)
- (27) A ministra pretende assim que se «ganhe mais confiança nos **centros de saúde** e que **estes** se reforcem, retirando aos hospitais algumas especialidades». (*par=ext26819-soc-98a-2*)
- (28) Dos três deputados na AR com quem ontem falámos -- Pedro Baptista, Fernando de Jesus e José Saraiva -- nenhum se mostrou disposto a **suspender o mandato** na Assembleia Municipal, rejeitando mesmo liminarmente **essa possibilidade** (*par=ext1393313-soc-96a-1*)
- (29) A pergunta a fazer em cada um destes passos, como explica Versluys, «não é se devemos tomar **decisões**, mas como devemos tomar **essas decisões**». (*par=ext3102-clt-soc-94a-2*)
- (30) Os actuais responsáveis da Junta de Freguesia acusam ainda os seus antecessores de terem deixado facturas por receber no valor de **cinco mil contos** e sem garantias de que **esse dinheiro** venha alguma vez a entrar nos cofres públicos, por ser devido por empresas falidas ou que já disseram que não pagam. (*par=ext328315-soc-94a-2*)

Com o intuito de demonstrar de forma mais clara os resultados obtidos, procedeu-se à elaboração de gráficos representativos. Deste modo, é possível observar qual o tempo verbal predominante com os demonstrativos *este* e *esse*. Vejam-se os seguintes gráficos:

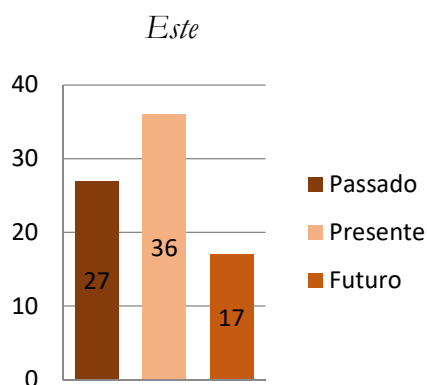


Gráfico 1. *Este*

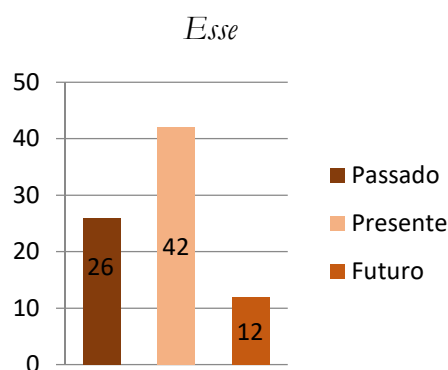


Gráfico 2. *Esse*

Como se pode observar nos gráficos 1 e 2, o tempo verbal predominante é o presente, apresentando valores semelhantes entre si. Relativamente ao tempo do passado, *este* sobrepõe-se a *esse*, embora a diferença não seja significativa. E, por último, *este* é o que coocorre mais com o tempo referente ao futuro. As diferenças encontradas não são suficientes para chegar a uma conclusão, devido à pequena extensão do *corpus*. Para tal, este teria que ser mais extenso, de modo a ser possível verificar se este padrão se mantém ou se existe variação.

Em relação ao demonstrativo *aquela*, não foi possível recolher o mesmo número de exemplos, porque o estabelecimento de cadeias anafóricas não é tão perceptível quando comparado com os demonstrativos *este* e *esse*. Dadas as suas características semânticas, como já foi referido no ponto 3., *aquela* também tem pontos em comum com o artigo definido, constituindo, assim, uma referência indireta e pouco saturada. É importante referir que, neste trabalho, não será abordada a questão da influência dos tempos verbais com o demonstrativo *aquela*, já que o número de exemplos não é suficiente para conseguir retirar observações.

Dos exemplos recolhidos com o demonstrativo *aquela*, apenas vinte demonstraram ser relevantes para o desenvolvimento do trabalho. Nos exemplos recolhidos do CRPC, foram encontradas cadeias anafóricas de natureza distinta: o exemplo (31) corresponde à anáfora total e os exemplos (32) e (33) à anáfora indireta.

- (31) Da situação prevista no **Decreto-Lei** n.º 144 / 94, assim pretendendo repor uma linha de crédito de 40 milhões de contos que já não existe. Daí que tenhamos dito que, se esta linha de crédito está esgotada, o PSD, ao repriminar **aquela decreto-lei**, diz claramente aos agricultores que não vão ter dinheiro algum. (*noCOD\_1010525*)
- (32) No entendimento de **Montenegro Andrade**, " sem um gemologista, diplomado em laboratório devidamente apetrechado, não é possível separar, hoje em dia, com rigor, certas pedras preciosas naturais das suas réplicas sintéticas ou imitações ". Nesse sentido, **aquela catedrático** defende, até para combater o " caos que se verifica na comercialização das pedras preciosas ", que urge a criação de um curso de gemologia em Portugal. (*J0759*)
- (33) O Sr. Presidente: - - Para fazer uma interpelação à Mesa, tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Coelho. O Sr. Jorge Coelho (PS): - Sr. Presidente, sinto -me na obrigação de dar um esclarecimento. O Sr. Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Administração Interna entrou por uma matéria complicada, na qual estou muito à vontade, pois fui o primeiro funcionário do STAPE neste país. Trabalhei no **STAPE** 10 anos, conheço bem **aquela organismo** e todos os seus sistemas... (*A183299*)

Embora ambos os exemplos (32) e (33) representem anáforas indiretas, estabelecem estratégias de distanciamento diferentes. Ou seja, no exemplo (32), está presente uma anáfora indireta discursiva, pois o referente *Montenegro Andrade* é recuperado pelo demonstrativo *aquela* mais tarde no discurso. No exemplo (33), o mesmo não acontece, já que o referente *STAPE* está próximo de *aquela* no discurso. Neste exemplo, o demonstrativo não recupera um referente que está longe no discurso, aliás, tem como finalidade fazer referência a uma situação que se localiza no passado.

Com o objetivo de estabelecer uma relação entre o *espaço* e o *tempo*, seguindo a tipologia de Lopes (1972), estas duas variáveis adquirem outros significados quando inseridas no *espaço topológico*. Vejamos o seguinte exemplo retirado da *Gramática Simbólica* de Óscar Lopes (1972: 139):

(34) Conheço o João e o Pedro, e acho **este** melhor que **aquele**.

Com este exemplo, Lopes (1972) pretende demonstrar que não está a fazer alusão à *distância* e ao *tempo* em que *o João e o Pedro* se encontram, mas tenta ordenar o seu próprio discurso, apesar de esta ordem não ser obrigatoriamente cronológica “(...) até porque o texto pode ser escrito e a percepção de um texto lido não obedece rigorosamente à sua ordenação espaço-temporal, tem uma ordem intrínseca determinada por uma atenção em constante vaivém relativamente à ordem espaço-temporal da comunicação” (1972: 139). Além disso, os demonstrativos também podem ser utilizados com o objetivo de, por um lado, referir algo que já foi mencionado e, por outro lado, referir algo que será mencionado. Em textos narrativos, os advérbios *aqui* e *agora* não se referem nem ao tempo nem ao espaço em que o narrador se situa ao nível extralinguístico, mas sim ao momento presente da história em causa.

Deste modo, pode afirmar-se que a relação existente entre os demonstrativos e as variáveis *tempo* e *distância* não é simples. Isto é, em certos contextos, existe referência ao tempo real, porém, essa referência também pode ser relativa ao momento de enunciação, como defende Fajardo (2002): “Las diferencias específicas entre los elementos del paradigma demostrativo, *este, ese, aquel*, se han descrito, la mayor parte de las veces, bien en términos de grados relativos de distancia al lugar o momento de la enunciación.” (Fajardo 2002:180).

### 5.3. *Artigo definido versus demonstrativo*

Segundo Lopes (1972), o artigo definido deriva linguisticamente de demonstrativos e, além disso, é possível observá-lo como “exprimindo sempre uma vizinhança referida à linearidade oral ou escrita do discurso” (1972: 152).

Em cadeias anafóricas, o artigo definido estabelece semelhanças com os demonstrativos, visto que têm a função de construir referência nominal. Contudo, divergem no que toca ao conteúdo semântico, na medida em que “al no tener la indicación de buscar el referente de la frase contrastando a partir del punto cero de la enunciación, su referencia se dirige libremente a un conjunto del universo del discurso” (Fajardo 2006: 183). Na realidade, existem duas visões distintas associadas ao artigo definido. Em certos contextos, estabelece uma referência indireta com o

elemento anterior, podendo referir-se a um elemento qualquer do universo do discurso, isto é, remeter para um conceito genérico. Todavia, para Russell (Russel *apud* Oliveira 1988: 127), o artigo definido pressupõe uma unidade única, teoria que, do ponto de vista linguístico textual, não é suficiente: “um SN referencial iniciado por artigo definido no singular exprime uma conjunção proposicional que assegura que uma, e só uma, entidade nomeada pelo nome comum correspondente satisfaz a uma dada propriedade” (Oliveira 1987: 126).

Com o uso do artigo definido, o interlocutor necessita de procurar quais os fatores que possibilitam uma descrição definida. Já com a utilização do demonstrativo, é dado ao locutor uma instrução com o objetivo de indicar que será sobre “aquele referente fixado no contexto de enunciação que se vai continuar a falar” (Oliveira 1988: 28). Vejamos dois exemplos de Oliveira (1988: 28):

(35) Ontem comi um pêssego. **Esta fruta** é deliciosa.

(35') Ontem comi um pêssego. **A fruta** é deliciosa.

No exemplo (35), pode verificar-se que o demonstrativo estabelece de forma mais clara e direta uma cadeia anafórica, visto que *esta fruta* recupera diretamente o referente *um pêssego* através de hiperonímia. Já no exemplo (35'), não parece existir ligação entre *a fruta* e o referente *um pêssego*, pois surge a dúvida de saber de que fruta se trata. Deste modo, estas construções obrigam o locutor a um nível de abstração maior, dado que podem remeter para frases de cariz genérico, como afirma Fajardo (2006).

## 6 – Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo geral analisar cadeias anafóricas em construções com os demonstrativos *este/esse/aquele*. Partindo deste objetivo, delineamos outros objetivos para o desenvolvimento da nossa investigação, tais como: verificar a diferença de significado entre os demonstrativos *este* e *esse*; observar em que medida o tempo verbal influencia o uso dos demonstrativos *este* e *esse*; verificar quais os tipos de anáfora que ocorrem com *aquele* e expor os pontos convergentes e divergentes entre os demonstrativos e o artigo definido.

Este estudo permitiu-nos mostrar que o uso dos demonstrativos *este* e *esse*, em cadeias anafóricas, em construções frásicas gramaticais e aceitáveis para os falantes nativos do PE, possuem

significados diferentes. Foi possível observar que estes demonstrativos se comportam de maneira diferente quando são interpretados deiticamente ou anaforicamente.

Outro tópico desenvolvido neste trabalho consistiu na influência dos tempos verbais no uso dos demonstrativos *este e esse*. Com base nos exemplos retirados do *corpus* referentes a *este e esse*, foi possível verificar que o tempo predominante é o presente. Embora aparentemente esta seja uma questão importante, os resultados não se revelaram significativos, dada a pequena extensão do *corpus*. Contudo, esta amostra pode dar algumas pistas do que possa estar a acontecer, atualmente, com os demonstrativos relativamente aos usos de tempos verbais.

Relativamente ao demonstrativo *aquele*, inicialmente, foram recolhidos vários exemplos, porém apenas 20 revelaram ser interessantes. A dificuldade em selecionar exemplos para *aquele* resulta do facto de possuir características semânticas diferentes de *este e esse*. *Aquele* é o demonstrativo que denota um *distanciamento* e um grau de abstração maior, visto que opera uma referência indireta e pouco saturada. Apesar disso, foram recolhidos exemplos interessantes de cadeias anafóricas, tais como anáforas totais e indiretas. É de realçar que foi possível comparar duas anáforas indiretas que estabelecem *distâncias* diferentes, questão que seria interessante aprofundar em trabalhos futuros.

A proposta de Lopes (1972) teve uma grande importância no desenvolvimento deste trabalho, porque esclarece, de forma clara, que a questão da *distância* e do *tempo* não é simples, pois os demonstrativos nem sempre expressam *distância física* e *tempo real*. Isto é, os demonstrativos, por um lado, retomam algo que já foi mencionado anteriormente e, por outro lado, referem algo que será mencionado. Assim, em certos contextos, existe, efetivamente, referência ao tempo real, mas também a referência pode ser quanto ao contexto de enunciação. Para além disso, os demonstrativos podem servir como organizadores textuais que têm como objetivo ordenar o próprio texto e não expressar *distância física*, como se pode observar no exemplo (32). É importante referir que o conceito de *vizinhança* estudado por este autor serviu como ponto de partida para a realização deste trabalho. De facto, as suas propostas permitem entender de forma mais clara o espaço topológico em que se inserem *este/esse/aquele* e como funcionam.

Muitas perguntas ficam por responder neste trabalho. Seria necessário realizar um estudo mais sistemático e aprofundado dos três demonstrativos em cadeias anafóricas e, também, deiticamente para uma melhor compreensão do sistema do PE. Para além disso, seria importante aprofundar a relação entre os tempos verbais que, como sabemos, fazem localização das situações e a utilização dos demonstrativos, quer em cadeias anafóricas, quer, ainda, em expressões temporais construídas com demonstrativos (*Esta manhã*, por exemplo). Uma outra pergunta que parece

pertinente tem que ver com o uso dos demonstrativos em exclamativas (*Esse teste! Nem me fales*, por exemplo).

## REFERÊNCIAS

- Cunha, C.; Cintra, L. F. 2005. *Nova gramática do português contemporâneo*. 18.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Diessel, H. 2012. Deixis and demonstratives. In: Maienborn, C.; von Stechow, P.; Portner, P. (Eds.). *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning*. Berlin: De Gruyter, 1-25.
- Fajardo, J. 2006. La instrucción de contrastar en el demostrativo español. *Verba*, vol. 33: 175-186.
- Kaplan, D. 1978. Dthat. In: Cole, P. (Ed.). *Syntax and Semantics*. Los Angeles: Academic Press, 220-243.
- Marcuschi, L. 2001. Anáfora indireta: O barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56: 217-220. Disponível na Internet em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/download/18415/11987>, acessado em 25.05.2017.
- Miguel, M.; Raposo, E.P. 2013. Determinantes. In: Raposo, E. P.; Nascimento, M. B.; Mota, M. C.; Seguro, L.; Mendes, A., *Gramática do Português*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 819-879.
- Oliveira, F. 1987. Cadeias Anafóricas: Que referência. In: *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas – II série*: 125-136.
- Oliveira, F. 1988. *Relações Anafóricas: Algumas questões*. Estudo para discussão como prova complementar de doutoramento em Linguística Portuguesa. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Russell, B. 1905. On Denoting. In: *Mind* 14: 479-493. (citado em Oliveira, 1987)
- Silva, C. S. F.; Cambraia, C. N. 2013. Demonstrativos na România Nova: Proposta de sistema de Classificação. In: *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*. Rio de Janeiro: Cadernos de CNLF, 42-61
- Silva, F. 2005 *Contributo para a descrição da anáfora associativa em português europeu*. Dissertação de doutoramento. Porto: Universidade do Porto.
- Silva, F. 2017. *Contributos dos mecanismos de coesão referencial e sequencial para a progressão textual*. Guião da Unidade Curricular Linguística de Texto. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 6-15.
- Silva, F. 2017. *O conceito de coesão*. Guião da Unidade Curricular Linguística de Texto. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1-3.